

C O M



F I M

Índice

Prefácio	███████████
Arianna Casellas	███
Aurora Amado	███
Bruna Ferreira	███
Catarina Marinho	███
Elisabeth Stiebritz	◆◆
Fibrja	❖❖
Gil Monteverde	■
Inês Araújo	■◆
Inês Peres Mesquita	███
Ins Ban	❖❖
Jumas	◆◆◆
Kate	◆◆
Laura Conde	◆◆
Maria Callapez	███
Mariana Salgueiro Rocha	███
Rodrigo Guimarães	██████████
Sá Vila	███
Samuel Pereira	██████████
A Xavier	████

PREFÁCIO

Miguel Leal

Freiburg im Breisgau, 07.07.2020

Barcos, ilhas e quarentenas

As ilhas sempre alimentaram o imaginário. Das ilhas desconhecidas ou desertas às ilhas longínquas perdidas no meio do vasto oceano, a ideia de ilha, como unidade autónoma e capaz de gerar uma realidade própria, é a imagem do utópico, do desejo, do fantástico ou do enigmático. Muitas vezes, em sentido contrário, essas mesmas ilhas serviram como lugar indesejado de exílio ou degredo para os criminosos ou párias deste mundo.

Também o barco, como uma espécie de ilha artificial, móvel e manobrável, funciona amiúde como lugar de exceção que se exclui da realidade das coisas do mundo. Embarcamos num barco para nos pertermos do mundo, do mesmo modo que aportamos a uma ilha para recomeçar tudo do nada, umas vezes por opção outras em exílio forçado, como acontecia com o castigo do degredo.

Por cima de tudo isto, as ilhas e os barcos não partilham apenas a sua condição de isolamento e o imaginário heterotópico da realização de um mundo fora do mundo. Umas e outros estão ligados porque a única forma de alterar a condição das ilhas é a abertura de rotas de navegação que rompam o seu isolamento, construindo assim constelações imaginárias entre pontos apartados pelos oceanos. Para as ilhas e barcos o deserto é o espaço em volta, o território sem coordenadas do mapa vazio de Lewis Carrol em Caça ao Snark. Cabe aos barcos traçar linhas sobre esse vazio e às ilhas pontuá-lo, como acontece com os oásis nos desertos que se formam em terra seca.

Nos últimos meses vivemos por largos períodos confinados e ligados aos outros e ao mundo por pequenas portas, janelas e postigos oferecidos pela tecnologia. Reactivou-se assim o termo medieval da quarentena, usado com maior ou menor precisão para nos referirmos a essa suspensão forçada da vida normal que nos deixou agarrados aos teclados e ecrãs de computadores, telefones e tablets. Esta quarentena, uma palavra com origem numa cidade anfíbia e ambivalente, leva-nos de volta aos barcos e ilhas com que começámos este texto, já que se refere aos quarenta dias que os barcos tinham de esperar ancorados ao largo de Veneza para proteger a cidade da Peste Negra que assolou a Europa no século XIV.

Foi também numa espécie de quarentena, dependentes para quase tudo dessas portas digitais, que não são mais do que parentes pobres de uma relação plena com os outros e com o mundo, que se fizeram os trabalhos documentados nesta publicação e apresentados em <<http://com-fim.virose.pt>>. Esperamos ainda assim que estes projectos possam um dia vir a terra firme, escapando assim ao exílio inesperado que lhes foi imposto.



PREFACE

Miguel Leal

Freiburg im Breisgau, 07.07.2020

Boats, islands and quarantines

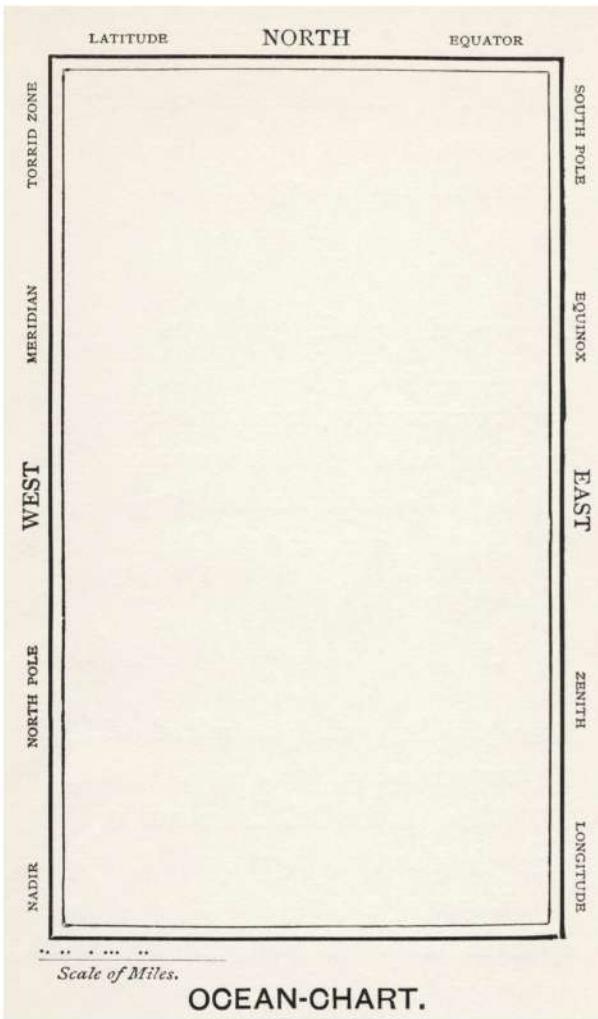
Islands have always fed the imaginary. From unknown or desert islands to the ones standing far away, lost in the middle of the vast ocean, the idea of island, as an autonomous unit capable of creating its own reality, is the image of utopia, of desire, of fantasy or enigma. Often, as a counterpoint, they have served as an undesired place of exile for criminals or outcasts of this world.

Simmingly, the boat, as a sort of artificial island, movable and manoeuvrable, works as a place of exception that excludes itself from the reality of the world's things. We board a boat to lose contact with the world, in the same way we dock on an island to restart everything from scratch, sometimes willingly, some others forcefully, as with the punishment of exile.

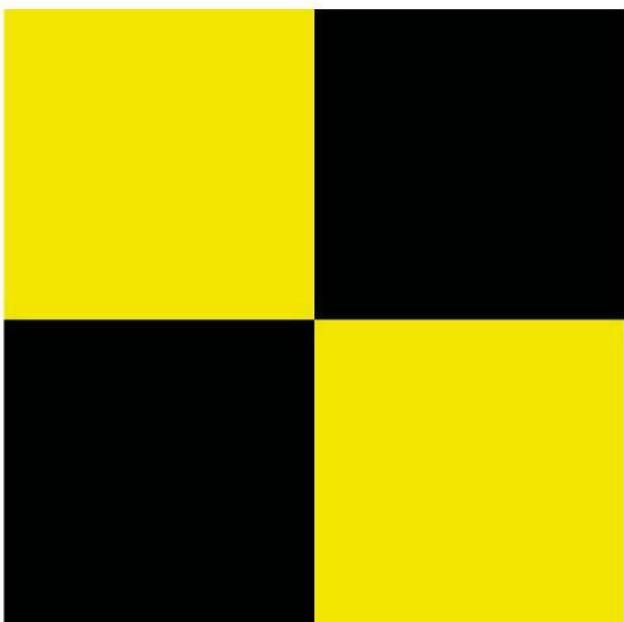
Above everything, islands and boats do not only share their condition of isolation and the heterotopic imaginary of the realization of a world outside the world. Islands and boats are linked because the only way to alter the islands condition is by opening navigation routes that shed their isolation, therefore building imaginary constellations between points separated by the oceans. For islands and boats, the desert is the space around, the coordinateless territory from Lewis Carrol's empty map in *The Hunting of the Snark*. It's up to the boats to draw lines over and the islands to punctuate it, as it so happens with the oases in the deserts that are formed on dry land.

In the last months we have lived confined for long periods and connected to others and the world through small doors, windows and shutters offered by technology. In that way, the medieval term of quarantine was reactivated, used with more or less precision to address the forced suspension of normal life that got us stuck to the keyboards and screens of computers, phones and tablets. This quarantine, a word that originated from an amphibious and ambivalent city, takes us back to the boats and islands with which I started this text. The word itself makes reference to the forty days that boats had to wait whilst anchored in front of Venice in order to protect the city from the black plague that decimated Europe in the fourteenth century.

It was also in a kind of quarantine, dependent for almost everything from those digital doors, no more than poor partners for an open relationship with the world, that the works documented in this publication and presented in <<http://com-fim.virose.pt>>. were made. We hope that someday these projects will be able to come ashore, allowing them to escape an unexpected and imposed exile.



One of Henry Holiday's original illustrations to "The Hunting of the Snark" by Lewis Carroll, 1876.



Bandeira de Quarentena



ARIANNA CASELLAS
O Caminho Não É Sempre Em Frente

2020

vídeo àlbum mp4
20'39"



© Caminho não é
sempre
em frente.



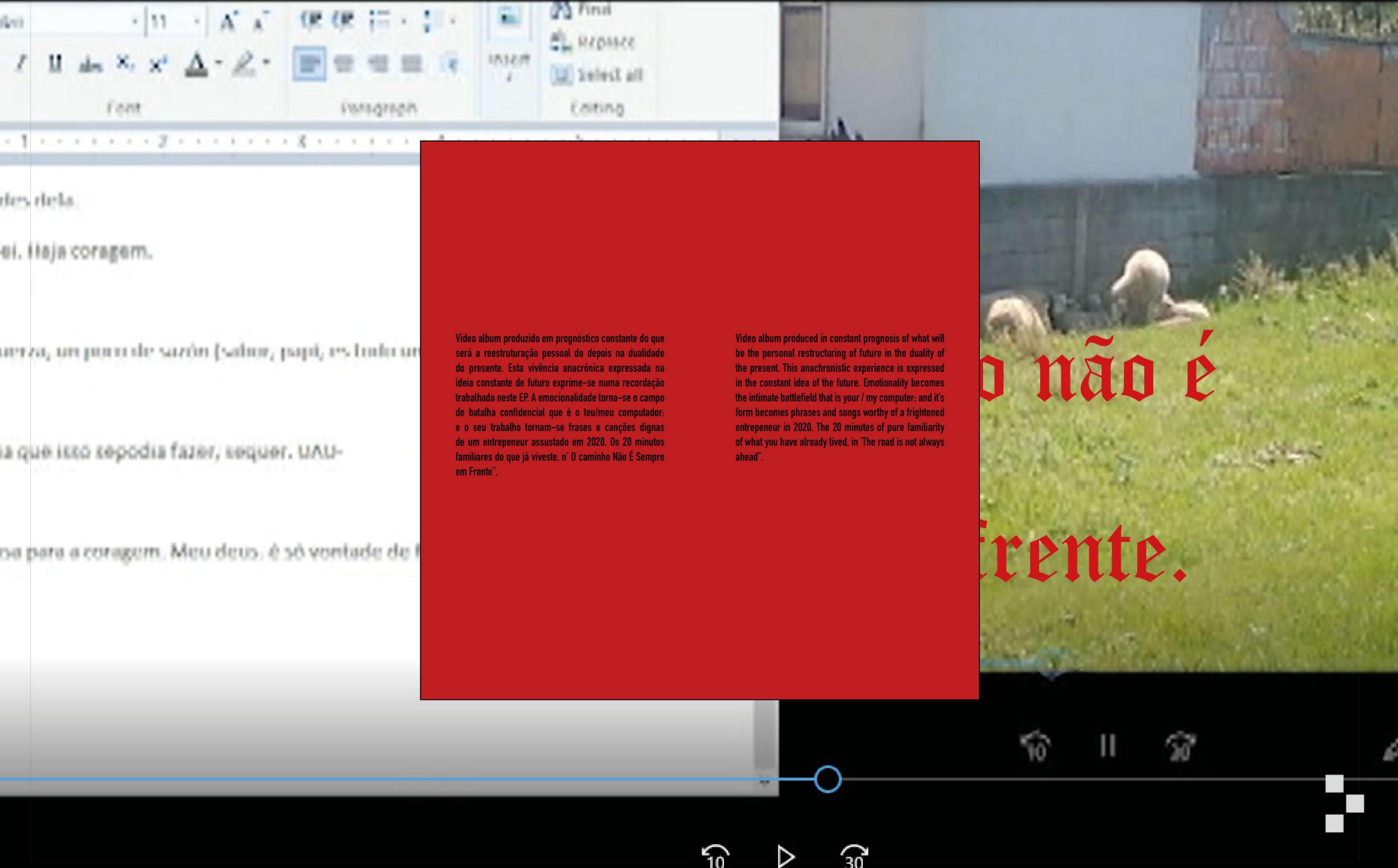
des dela.

ei. Haja coragem.

entra, um pouco de saudade (saudade, papai, se lhe une uma noção de saudade).

ia que isso se podia fazer, sequer. UAU-

na para a coragem. Meu deus, é só vontade de fugir, qual frente qual trás.



O caminho Não É

sempre em frente.

Video album produzido em prognóstico constante do que será a reestruturação pessoal do depois na dualidade do presente. Esta vivência anacrónica expressada na ideia constante de futuro exprime-se numa recordação trabalhada neste EP. A emotionalidade torna-se o campo de batalha confidencial que é o teu/meu computador; e o seu trabalho tornam-se frases e canções dignas de um entrepreneur assustado em 2020. Os 20 minutos familiares do que já viveste, n' O caminho Não É Sempre em Frente".

Video album produced in constant prognosis of what will be the personal restructuring of future in the duality of the present. This anachronistic experience is expressed in the constant idea of the future. Emotionality becomes the intimate battlefield that is your / my computer; and its form becomes phrases and songs worthy of a frightened entrepreneur in 2020. The 20 minutes of pure familiarity of what you have already lived, in "The road is not always ahead".

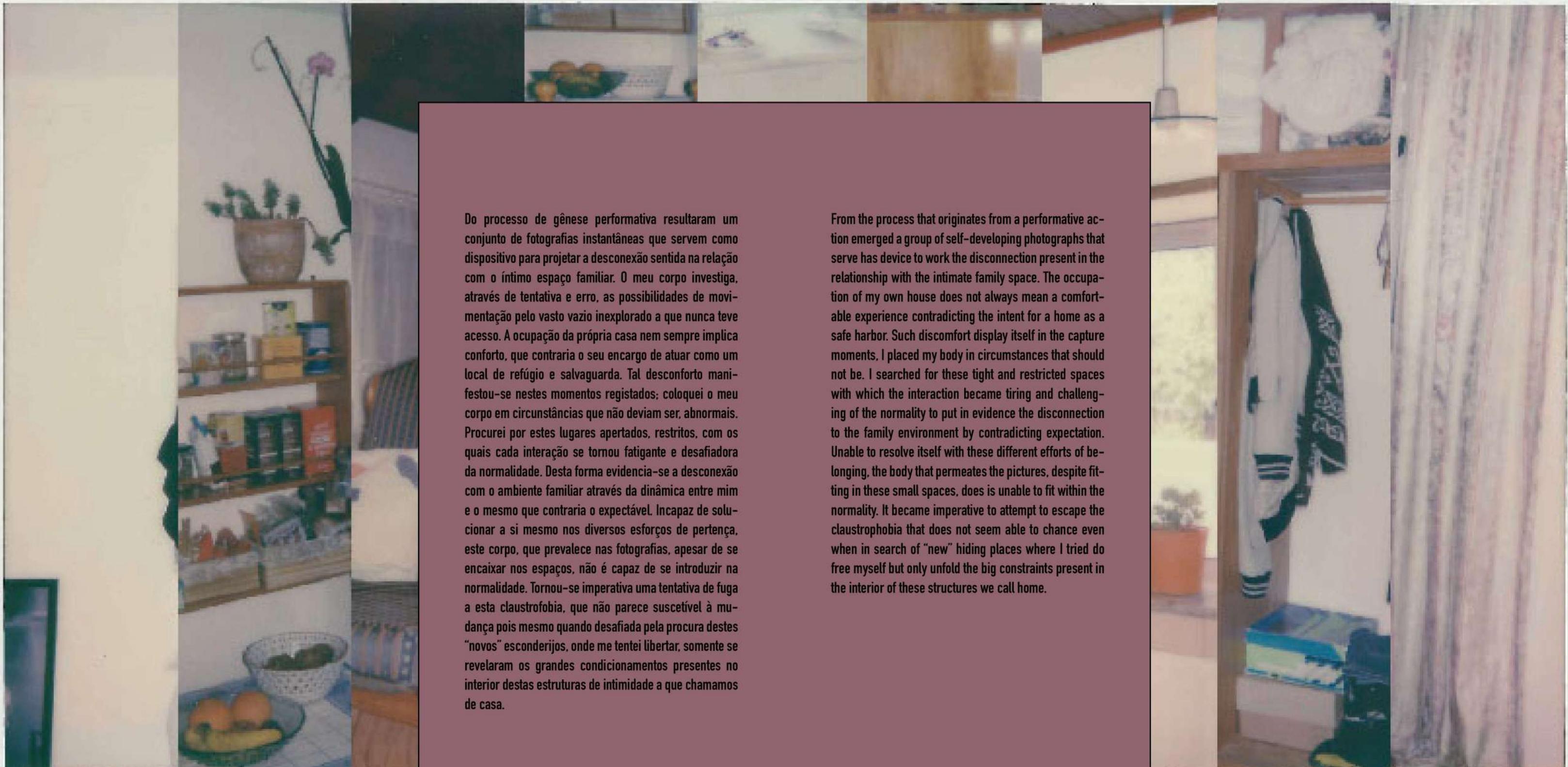
AURORA AMADO
Como o Corpo Ocupa

2020

fotografia instânea
9 fotografias 8,8x 10,7 cm







Do processo de gênese performativa resultaram um conjunto de fotografias instantâneas que servem como dispositivo para projetar a desconexão sentida na relação com o íntimo espaço familiar. O meu corpo investiga, através de tentativa e erro, as possibilidades de movimentação pelo vasto vazio inexplorado a que nunca teve acesso. A ocupação da própria casa nem sempre implica conforto, que contraria o seu encargo de atuar como um local de refúgio e salvaguarda. Tal desconforto manifestou-se nestes momentos registados; coloquei o meu corpo em circunstâncias que não deviam ser, abnórmais. Procurei por estes lugares apertados, restritos, com os quais cada interação se tornou fatigante e desafiadora da normalidade. Desta forma evidencia-se a desconexão com o ambiente familiar através da dinâmica entre mim e o mesmo que contraria o expectável. Incapaz de solucionar a si mesmo nos diversos esforços de pertença, este corpo, que prevalece nas fotografias, apesar de se encaixar nos espaços, não é capaz de se introduzir na normalidade. Tornou-se imperativa uma tentativa de fuga a esta claustrofobia, que não parece suscetível à mudança pois mesmo quando desafiada pela procura destes "novos" esconderijos, onde me tentei libertar, somente se revelaram os grandes condicionamentos presentes no interior destas estruturas de intimidade a que chamamos de casa.

From the process that originates from a performative action emerged a group of self-developing photographs that serve has device to work the disconnection present in the relationship with the intimate family space. The occupation of my own house does not always mean a comfortable experience contradicting the intent for a home as a safe harbor. Such discomfort display itself in the capture moments, I placed my body in circumstances that should not be. I searched for these tight and restricted spaces with which the interaction became tiring and challenging of the normality to put in evidence the disconnection to the family environment by contradicting expectation. Unable to resolve itself with these different efforts of belonging, the body that permeates the pictures, despite fitting in these small spaces, does is unable to fit within the normality. It became imperative to attempt to escape the claustrophobia that does not seem able to chance even when in search of "new" hiding places where I tried do free myself but only unfold the big constraints present in the interior of these structures we call home.

BRUNA FERREIRA
Eu vi com as mãos sem poder tocar

2020

desenho

21cm x 14,8cm







Durante o período de quarentena, deparei-me com a sensação de impotência devido ao isolamento coletivo, que imediatamente associei a cegueira perante a situação em questão.

Cegueira, não apenas em relação ao futuro próximo e longínquo, mas do resto do mundo, no presente. Cegueira por não vermos nada para além de quatro paredes. Assim, adotei esse conceito como premissa do meu trabalho.

As únicas interações possíveis, no início da pandemia, eram meramente virtuais. Deste modo, optei por captá-las no registo que julguei ser o mais fiel à minha intenção e premissa: desenho de contorno cego.

O meu trabalho é uma abordagem digital ao meu diário gráfico, onde registei todas as minhas interações virtuais até ao fim do confinamento obrigatório e, também, as minhas novas interações pessoais.

During quarantine, I found myself feeling impotent due to the collective isolation. I immediately associated that feeling with blindness towards the situation we are going through.

Blindness, not only to the near future and further, but to the rest of the world in the present. Blindness for we don't see anything beyond four walls.

Because of this, I adopted this concept as the premise of my work.

The only possible interactions, at the beginning of the pandemic, were merely virtual. That way, I chose to collect them by the way I found most loyal to my intention and premise: blind contour drawing.

My work is an approach to my sketchbook, where I registered all my virtual interactions up until the end of the mandatory containment and also my new personal interactions.

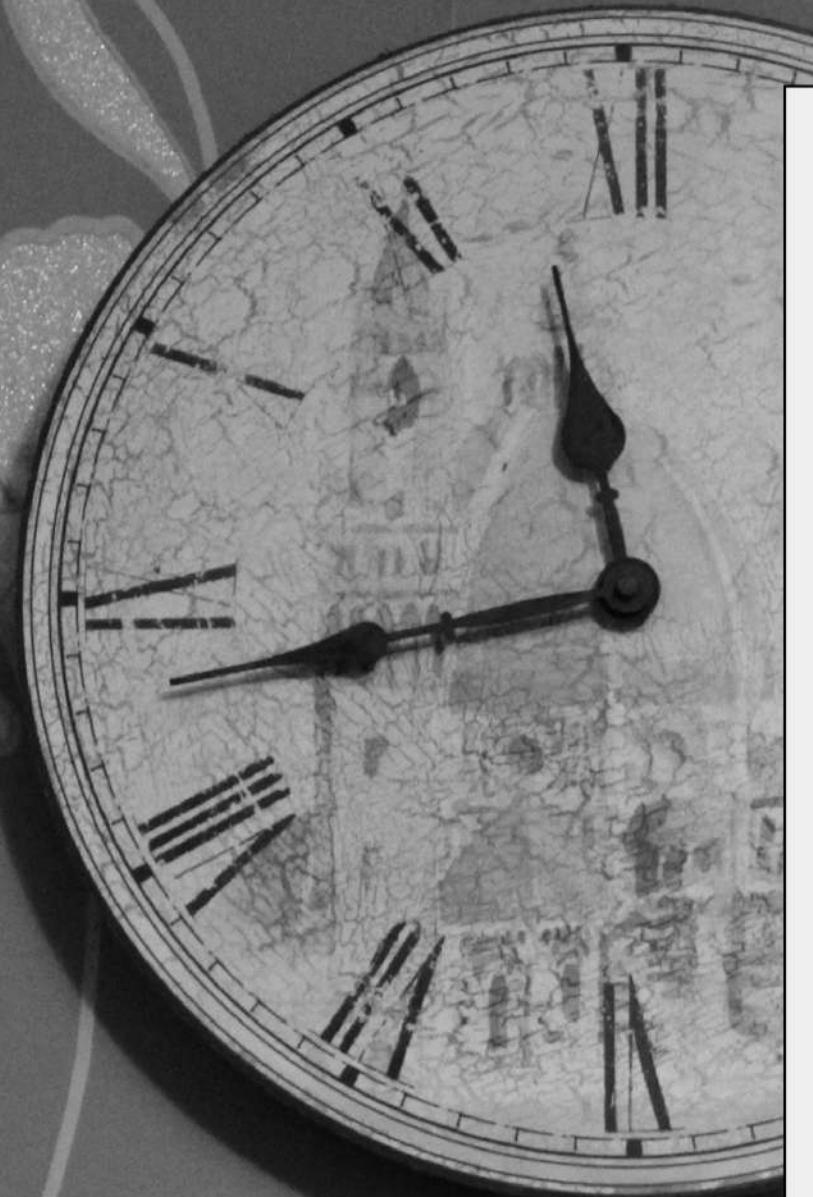
CATARINA MARINHO
Silêncio

2020

vídeo mp4
4'12"







O tempo passa e o silêncio permanece, em casa, nas ruas, nos parques, em todo o lado, e é aí que se reparar nele. E agora?

Será que vamos conseguir voltar ao normal?
Será que o normal vai sequer voltar?
Perde-se a rotina.
Perde-se o tempo.
Ganha-se silêncio.

Time passes and the silence remains, at home, on the streets, in the parks, everywhere, and that's where you notice it. And now?

Will we be able to get back to normal?
Will the normal even return?
The routine is lost.
Time is lost.
Silence is born.



ELISABETH STIEBRITZ
LIZ 186

2020

**sculpture and landscape
photography
sizes variable**







The fascination for cars oscillates between responsibility and freedom, purpose and pleasure, sustainability and waste.

Cars, as omnipresent objects of our daily lives, reflect the dilemmas of our time perfectly. Our postmodern society's issues could be discussed with car industry: the extension of time and space (globalization), the relations between genders and the patriarchal system of society (gender topics and intersectional feminism), the pleasure of speed and individual freedom (individualism), sustainability and environment, safety, status symbols and representation (class, race, gender).

It is my first car and I bought it for 1.200 € right before I turned 34. It is a Volkswagen camper van, a german brand, almost 30 years old with good chances (and with proper care) to become an official kraftfahrzeugtechnisches Kulturgut, simply put a vintage car.
I gave her my name and my birthday with the license plate LIZ 186 (L stands for Leipzig).

After years of fear of driving I got behind the wheel again — just shortly before I bought my van, I overcame that anxiety and rediscovered the pleasure of driving.

A 10 months stay in Portugal lied ahead, a good opportunity to overcome even more fears. Liz was the adequate vehicle and a roof over my head. 2.000 €, 3 months and 2.500 km later I arrived in Porto in september 2019. Since then, the car serves for transportation, as a living and a working space.

Now I reflect more than ever the meaning of cars for me. An intelligent woman told me once, that driving a car as a woman can be seen as an act of emancipation. Yes, it shapes my identity. It feels like freedom, but a contradictory freedom, a privileged and individual one. I also disagree with the romanticizing and fascinated gaze, which does not see the daily difficulties, the rust, the mold and the endless repair shop bills.

Nevertheless I want to conclude quoting Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), a swiss writer, journalist and photographer, who travelled the world in her car. In her debut novel Freunde um Bernhard (friends around Bernhard) she let her protagonist say: We will drive on the big roads until there, where the far away ends, and then into a new, more unattainable one.

**FIBRJA
ÂMAGO**

2020

**faixa sonora de álbum
3'32"**



olhai a cidadela
olhai que bela é
feita de pedra
para o vento
bater nela

contudo
livre quis ser
e sem mirar o mundo
sobre si deixou ceder
sem fundo

a glória dos santos
os que foram e serão
os que à margem chegarão,
magoados,
abençoados

em tempo bom,
perdoa-se o pecado,
em dias de calor custa mais
o acto,
o dom

a história que te vou contar
em nada é menos
que a de bravos cavaleiros;
é tão nobre
como cobre

ouvi da minha cunhada
que para lá do mar
da cidadela derrubada
esconde-se um lugar;
chama-se de terramar

um dia fui a terramar
onde há ir e voltar,
mas a quem
o coração vai dar?

todo ele livre e fugaz,
daqueles onde caminhas
nas ruelas
sem nunca olhar para trás
e foi lá onde me perdi

de dentro do infinito,
nunca sentes o que eu sinto,
nunca fazes o que eu faço,
nunca ouves o que eu digo,
seu naufrago perdido

neste tempo maldito,
uma alma comerei
para nas minha noites
mal dormidas poderei
desejar ter-te perto

embalar a dor
ou a dor embalar,
nada resta do meu peito
se não o detestar
deste tempo feito vento

estou na proa do navio,
no limite da coragem,
à beira do desespero,
mas não me provoca
mais mágoa que o nada

dentro do meu âmago,
dentro do meu parecer,
por um sinal esperei,
uma mão amiga me tomou
e com tudo nadei

até àquela margem
onde um dia fomos dois,
prendados com fantasia
de um pôr do sol
para depois

enfim foi Magdallene,
de olhar solene;
aprendiz de feiticeiro
e camponesa feliz,
de nome és rainha
porque assim o quis

não é petiz o coração
de um soldado que padece,
mas o do que esquece

CONTOS NA LOJA DE CONVENIÊNCIA



fibrja



olhai a cidadela
olhai que bela é
feita de pedra
para o vento
bater nela

contudo
livre quis ser
e sem mirar o mundo
sobre si deixou ceder
sem fundo

a glória dos santos
os que foram e serão
os que à margem chegarão,
magoados,
abençoados

em tempo bom,
perdoa-se o pecado,
em dias de calor custa mais
o acto,
o dom

a história que te vou contar
em nada é menos
que a de bravos cavaleiros;
é tão nobre
como cobre

ouvi da minha cunhada
que para lá do mar
da cidadela derrubada
esconde-se um lugar;
chama-se de terramar

um dia fui a terramar
onde há ir e voltar,
mas a quem
o coração vai dar?

todo ele livre e fugaz,
daqueles onde caminhas
nas ruelas
sem nunca olhar para trás
e foi lá onde me perdi

de dentro do infinito,
nunca sentes o que eu sinto,
nunca fazes o que eu faço,
nunca ouves o que eu digo,
seu naufrago perdido

neste tempo maldito,
uma alma comerei
para nas minha noites
mal dormidas poderei
desejar ter-te perto

embalar a dor
ou a dor embalar,
nada resta do meu peito
se não o detestar
deste tempo feito vento

estou na proa do navio,
no limite da coragem,
à beira do desespero,
mas não me provoca
mais mágoa que o nada

dentro do meu âmago,
dentro do meu parecer,
por um sinal esperei,
uma mão amiga me tomou
e com tudo nadei

até àquela margem
onde um dia fomos dois,
prendados com fantasia
de um pôr do sol
para depois

enfim foi Magdallene,
de olhar solene;
aprendiz de feiticeiro
e camponesa feliz,
de nome és rainha
porque assim o quis

não é petiz o coração
de um soldado que padece,
mas o do que esquece



fibrja



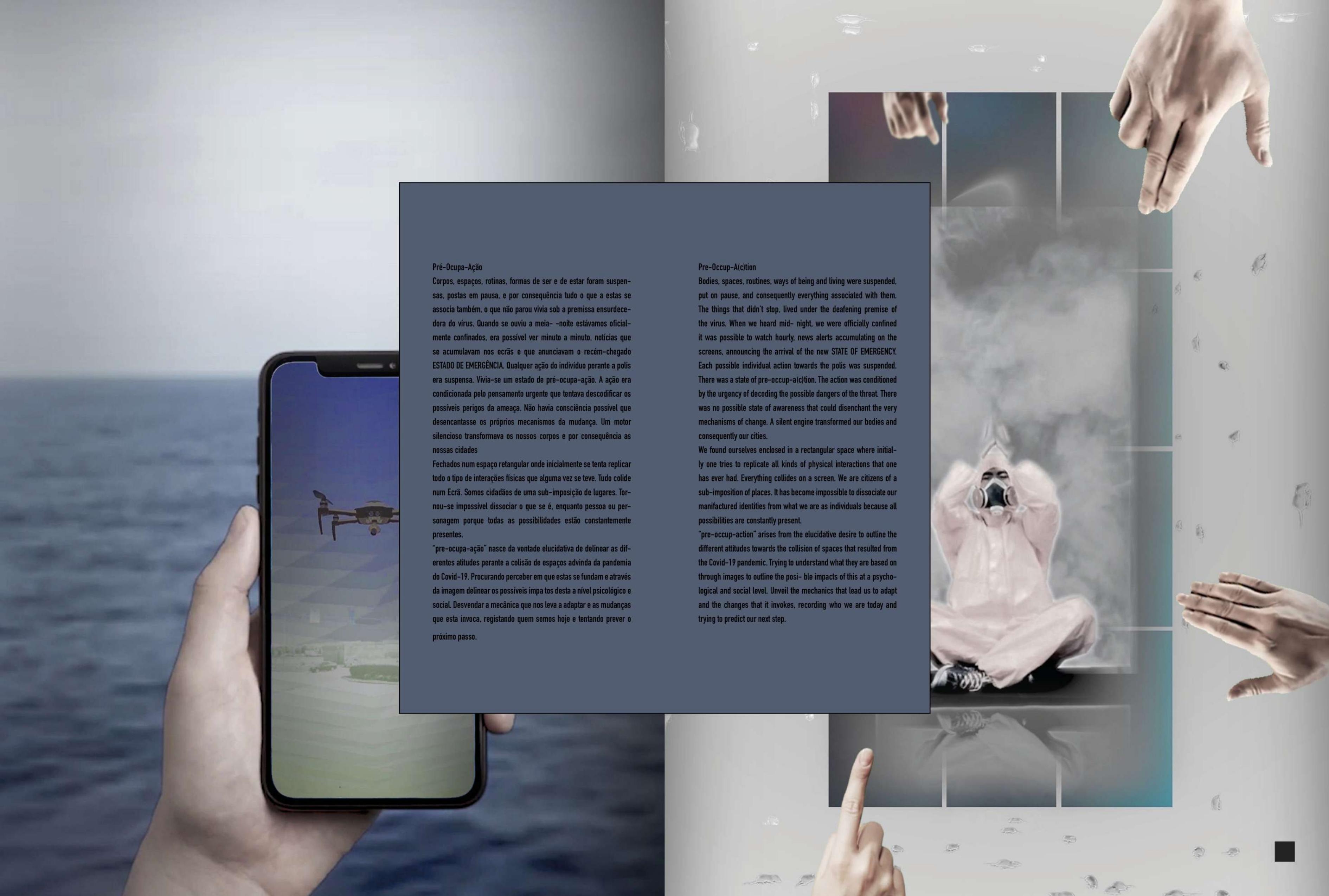
GIL MONTEVERDE
Pre-Ocupa-Ação

2020

video mp4
9'99"







Pré-Ocupa-Ação

Corpos, espaços, rotinas, formas de ser e de estar foram suspensas, postas em pausa, e por consequência tudo o que a estas se associa também, o que não parou vivia sob a premissa ensurdecedora do vírus. Quando se ouviu a meia- -noite estávamos oficialmente confinados, era possível ver minuto a minuto, notícias que se acumulavam nos ecrãs e que anunciam o recém-chegado ESTADO DE EMERGÊNCIA. Qualquer ação do indivíduo perante a polis era suspensa. Vivia-se um estado de pré-ocupa-ação. A ação era condicionada pelo pensamento urgente que tentava decodificar os possíveis perigos da ameaça. Não havia consciência possível que desencantasse os próprios mecanismos da mudança. Um motor silencioso transformava os nossos corpos e por consequência as nossas cidades

Fechados num espaço retangular onde inicialmente se tenta replicar todo o tipo de interações físicas que alguma vez se teve. Tudo colide num Ecrã. Somos cidadãos de uma sub-imposição de lugares. Tornou-se impossível dissociar o que se é, enquanto pessoa ou personagem porque todas as possibilidades estão constantemente presentes.

"pré-ocupa-ação" nasce da vontade elucidativa de delinear as diferentes atitudes perante a colisão de espaços advinda da pandemia do Covid-19. Procurando perceber em que estas se fundam e através da imagem delinear os possíveis impatos desta a nível psicológico e social. Desvendar a mecânica que nos leva a adaptar e as mudanças que esta invoca, registando quem somos hoje e tentando prever o próximo passo.

Pre-Occup-A(c)tion

Bodies, spaces, routines, ways of being and living were suspended, put on pause, and consequently everything associated with them. The things that didn't stop, lived under the deafening premise of the virus. When we heard mid- night, we were officially confined it was possible to watch hourly, news alerts accumulating on the screens, announcing the arrival of the new STATE OF EMERGENCY. Each possible individual action towards the polis was suspended. There was a state of pre-occup-a(c)tion. The action was conditioned by the urgency of decoding the possible dangers of the threat. There was no possible state of awareness that could disenchant the very mechanisms of change. A silent engine transformed our bodies and consequently our cities.

We found ourselves enclosed in a rectangular space where initially one tries to replicate all kinds of physical interactions that one has ever had. Everything collides on a screen. We are citizens of a sub-imposition of places. It has become impossible to dissociate our manufactured identities from what we are as individuals because all possibilities are constantly present.

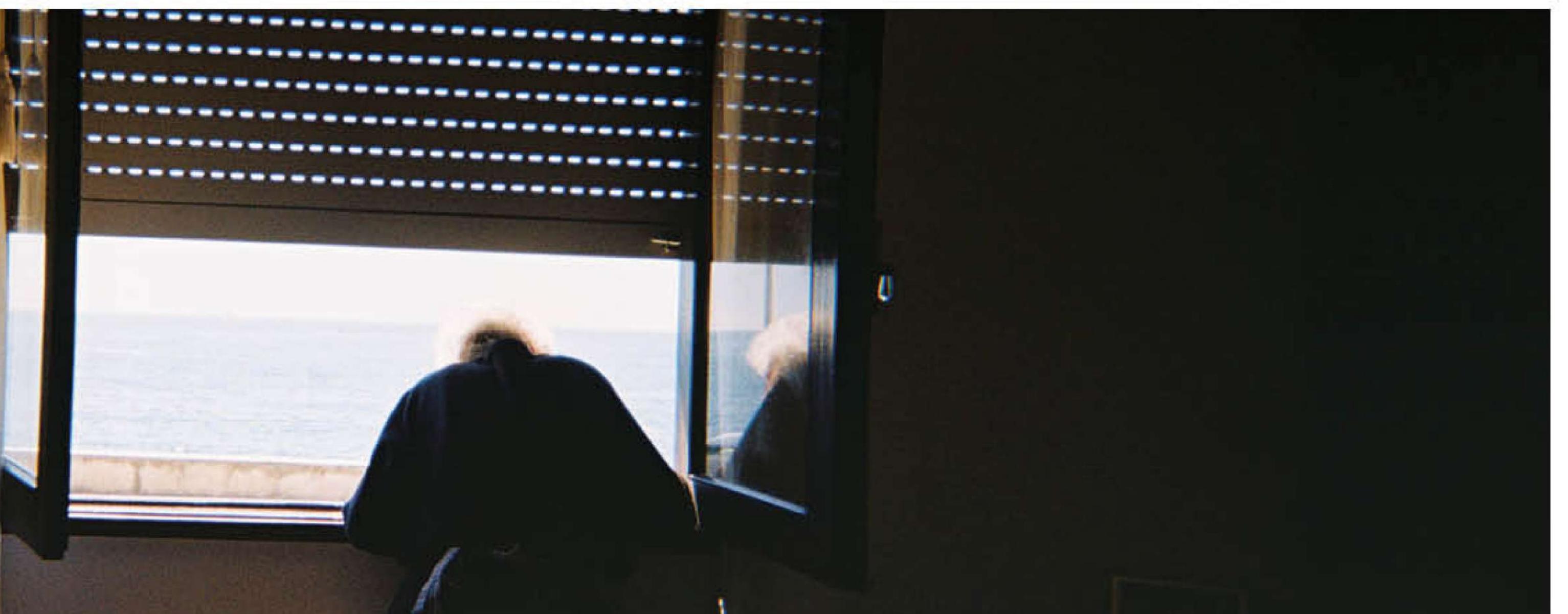
"pre-occup-action" arises from the elucidative desire to outline the different attitudes towards the collision of spaces that resulted from the Covid-19 pandemic. Trying to understand what they are based on through images to outline the possible impacts of this at a psychological and social level. Unveil the mechanics that lead us to adapt and the changes that it invokes, recording who we are today and trying to predict our next step.

INÊS ARAÚJO
Gatherer

2020

Fotografia analógica 35mm
7 fotografias de 1174,04mm x 434,62mm







Enquanto ela olha pela janela eu ouço o mar. E ouço-a a pensar no mar. É o mesmo mar que ela viu a vida inteira mas é um mar diferente do meu. Eu nunca vou conhecer o mar dela e ela nunca conterá o meu. Esses apenas existirão na moldura da memória. Um mistério, como assim o deve ser.

Ela tenta dar-me o seu mar. Puxa-me para dentro descrevendo-o com uma coerência excepcional que torna mais difícil alcançá-lo, ainda que quase projetando em mim as memórias e, de repente, fui eu que vi aquele mar durante mais de oitenta anos e recolhia sargento. viesse o que viesse. Não passa de uma artimanha da minha própria memória que se encontra num estado de metamorfose, em perpétuo movimento. Se não tiver cuidado o meu mar vai ser apagado da minha memória. A ilusão é rapidamente quebrada segundos depois — ainda que para mim tenha sido uma vida inteira — quando ela vira costas ao oceano e sorri para mim, deixando-me, apenas, com um breve vislumbre da sua memória.

Tenho a certeza de que um dia serei eu, a olhar pela janela, a ver o mesmo mar da minha avó, enquanto desejo apanhar sargento como antigamente.

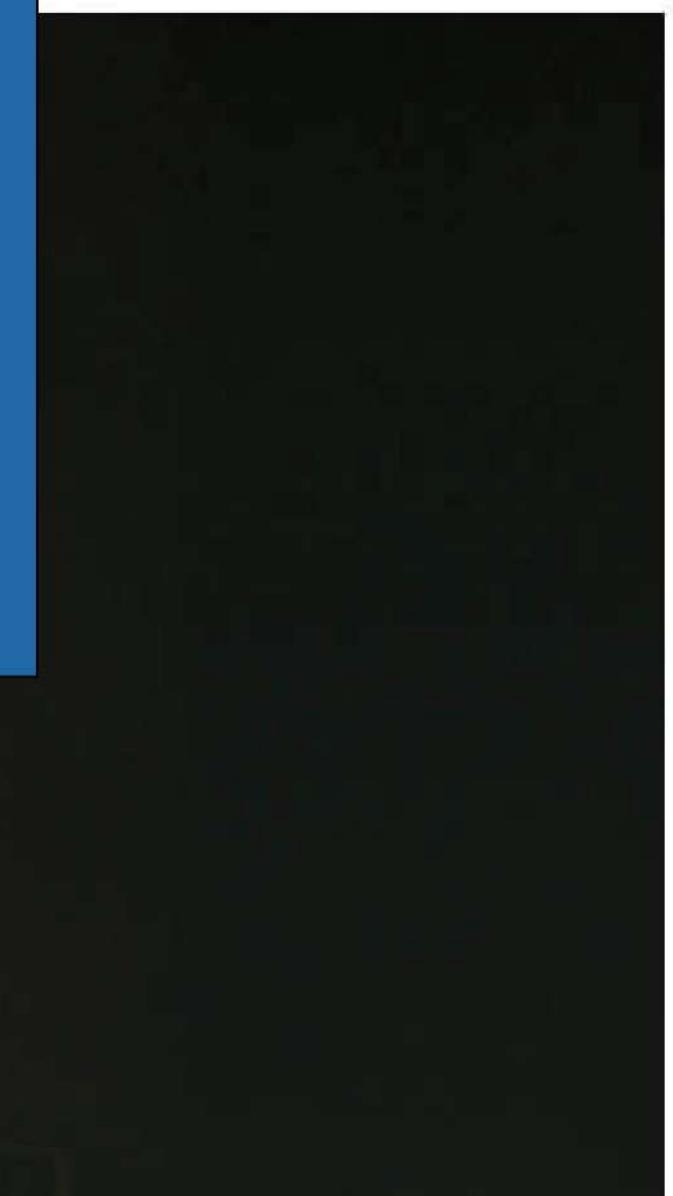
Um ensaio visual sobre a memória.

As she looks outside the window I can hear the sea. And I can hear her thinking about it. It's the same sea that she saw her whole life but it's a different one from my own. I will never know hers and she will never know mine. Those will solely exist in the frame of each memory. A mystery, as it should.

She tries to give me her sea, pulls me inside as she describes it with an unknown soundness that, somehow, makes it even harder to grasp it, even though it's almost as if she projects her memories onto me and suddenly I'm the one who's seen that sea for over eighty years and been a sargassum gatherer through thick and thin. It's just a trick of my own memory that mutates as the hours go by, in perpetual motion. If I'm not careful enough my own sea will be erased from my memory.

The illusion is quickly broken seconds later — although I was left feeling like it's been a whole life — when she turns away from the ocean and smiles to me, giving me nothing but short glimpses of what she stores in her memory. I'm sure one day I will be eighty, looking at my grandmother's sea wishing I could gather sargassum like the old days.

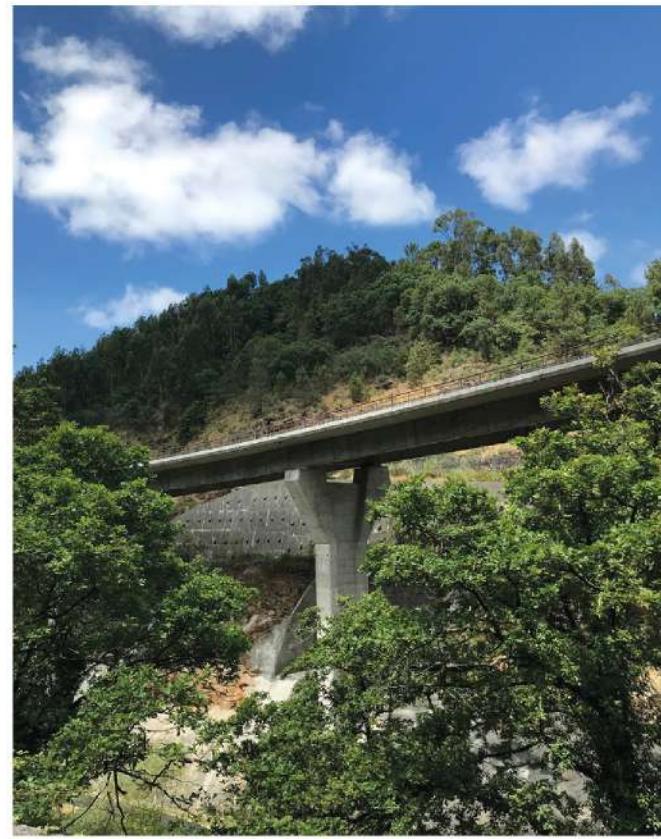
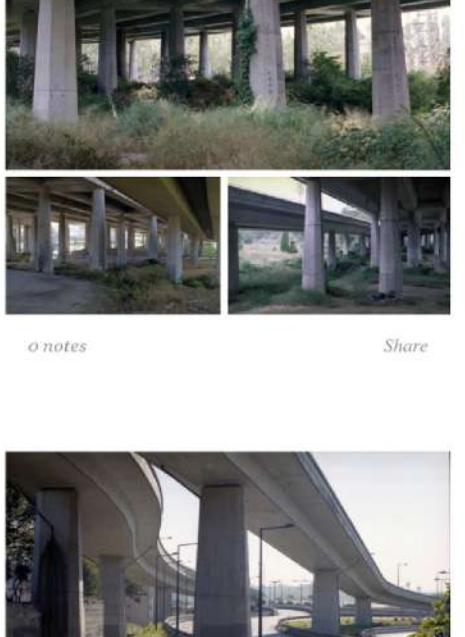
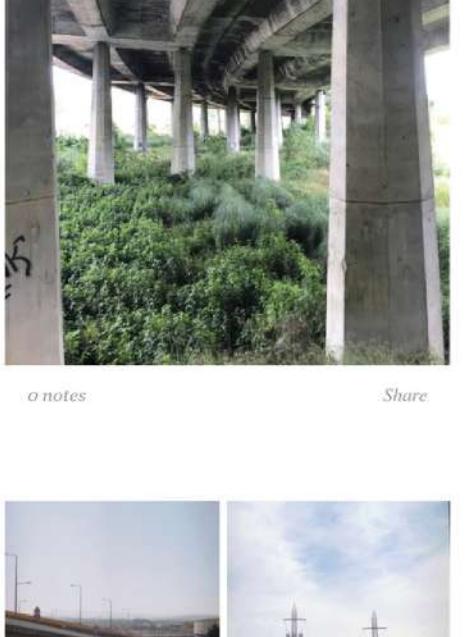
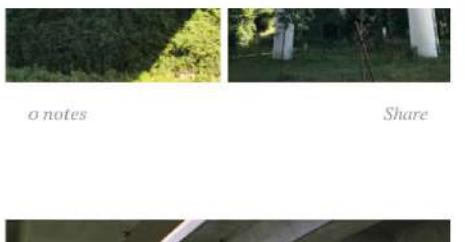
A visual essay about memory.

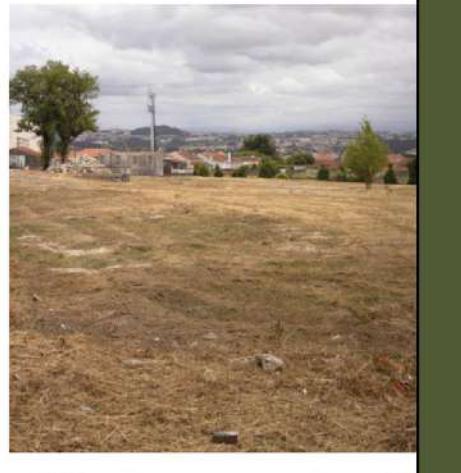
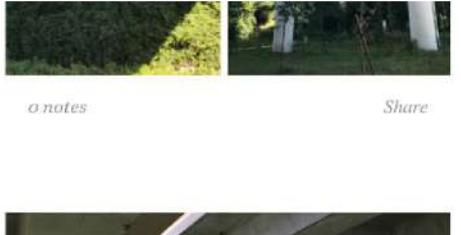


INÊS PERES MESQUITA
Estratos de paisagem
2020

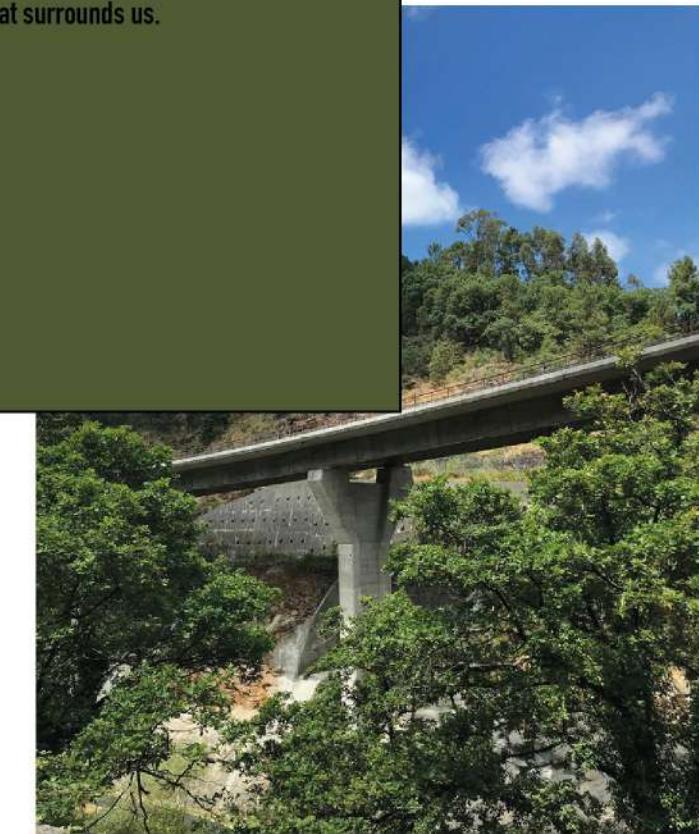
fotografia analógica e digital em plataforma tumblr
dimensões variáveis







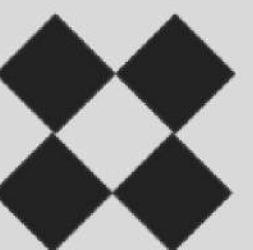
Já não é possível definir tão linearmente o que é uma paisagem rural, uma paisagem urbana, uma paisagem natural ou industrial. No mesmo plano visual encontramos campos agrícolas e estufas, fábricas e estruturas industriais, parabólicas, antenas e ventoinhas eólicas, numa diversidade que não segue ordem nem esquema. Paisagens transgénicas, como lhes chama Álvaro Domingues, imagens-ornitorrinco, que conferem às paisagens sentidos múltiplos, livres de conceitos pré-construídos e da limitação ao que é tangível. Olhar a paisagem é ganhar uma percepção e consciência do espaço, reconhecendo os vários estratos e marcas que possui, numa composição de elementos que se sucedem, alterando e transformando continuamente a paisagem e a relação que estabelecemos com ela. Atravessar a paisagem a pé permite uma relação mais imersiva com o espaço, mas também mais espontânea e imprevista. Permite-nos sair do caminho (até por caminhos menos delineados), desviar por sítios desconhecidos, aproximar para ver detalhes e demorar mais ou menos tempo, para absorver o que nos rodeia.

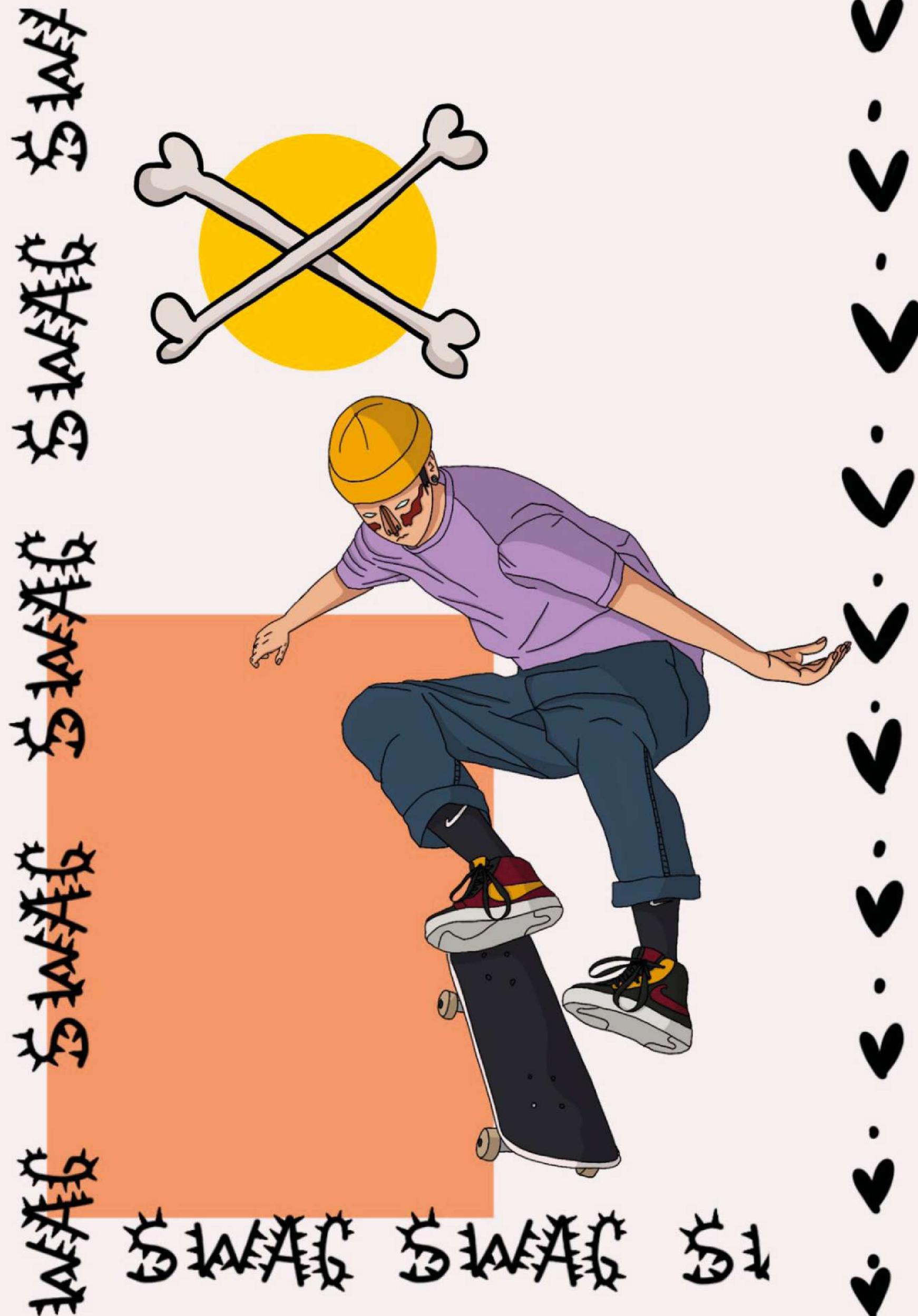


**INS BAN
S3R4'**

2020

**Ilustração Digital
Livro A5 (148 x 210 mm)**



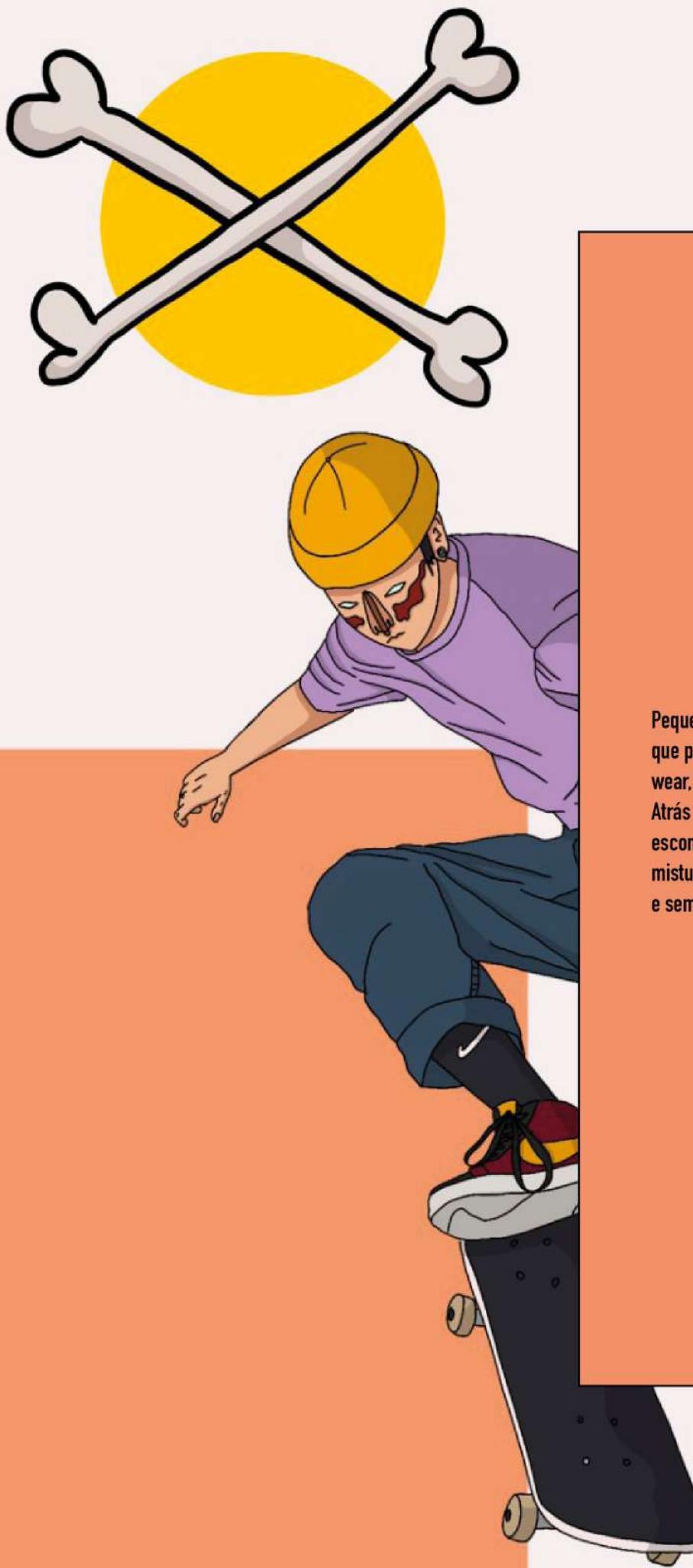


SKATE SKATE SKATE

SKATE SKATE SKATE

SKATE SKATE SKATE

SKATE SKATE SKATE



Pequenas memórias com retratos meus e de personagens que partilham os mesmos gostos que eu, vestimos street wear, ouvimos hip hop e adoramos andar de skate. Atrás de uma imagem underground de roupas oversized esconde-se uma cultura apaixonada por beats e poesia misturada com adrenalina numa tábu a com quatro rodas e sem travões.

Small memories with portraits of me and characters that share the same tastes as me, we wear street wear, listen to hip hop and love to skate. Behind an underground image of oversized clothing lurks a culture passionate about beats and poetry mixed with adrenaline on a board with four wheels and without brakes.

✓ ✓ ✓



SKATE SKATE SKATE

SKATE SKATE SKATE



♥ ♥

JUMAS
Esta caixa somos Nós

2020

técnica mista

Caixa a5 e objetos de tamanhos vários







Nesta pequena caixa podes encontrar uma infinidade de objetos que não só me pertencem a mim, como também a ti. Descobrirás pequenos textos, processos artísticos entre outras aleatoriedades. Esta caixa define-me, mas todos podemos ser definidos por ela. Todos temos medos, algo a dizer ou a mostrar. Todos temos um percurso, um passado, um presente e futuro. No fundo, é uma cápsula do tempo onde coloco todo o meu processo em perspetiva, apercebendo-me de quem realmente sou e onde quero chegar.

In this small box, you can find a multitude of objects that not only belong to me, but also to you. You will discover small texts, artistic processes and other randomness. This box defines me, but we can all be defined by it. We all have fears, something to say or to show. We all have a path, a past, a present and a future. Basically, it is a time capsule where I put my whole process in perspective, get a grip on who I really am and where I want to go.



KATE
não sei se isto é um sonho

2020
fotografia analógica e lápis técnico
8 x 8cm





a escadaria leva-me
a um palco.
ao ar livre, é num percurso
que faço várias vezes,
mas nos sonhos há uma
construção de betão.
há algo que me alcança
mas eu não vejo



as lágrimas não caem
crescem no canto do meu
olho.
encontram na esclera uma
casa que nunca mais
vão deixar
eternamente turvo



cheguei a achar que vi
este filme na televisão
mas não há nenhum com
o autocarro amarelo, que
sem travões e a arder,
cai da parte

é tão familiar e quase
lhe sinto o cheiro.
Sento-me de costas no banco
paralelo ao painhão. olho
para os meus pés.
não levei os sapatos para a
escola.
aceito mas sinto o chão





a escadaria leva-me

a um sonho
ao que
moro
consigo
há mas

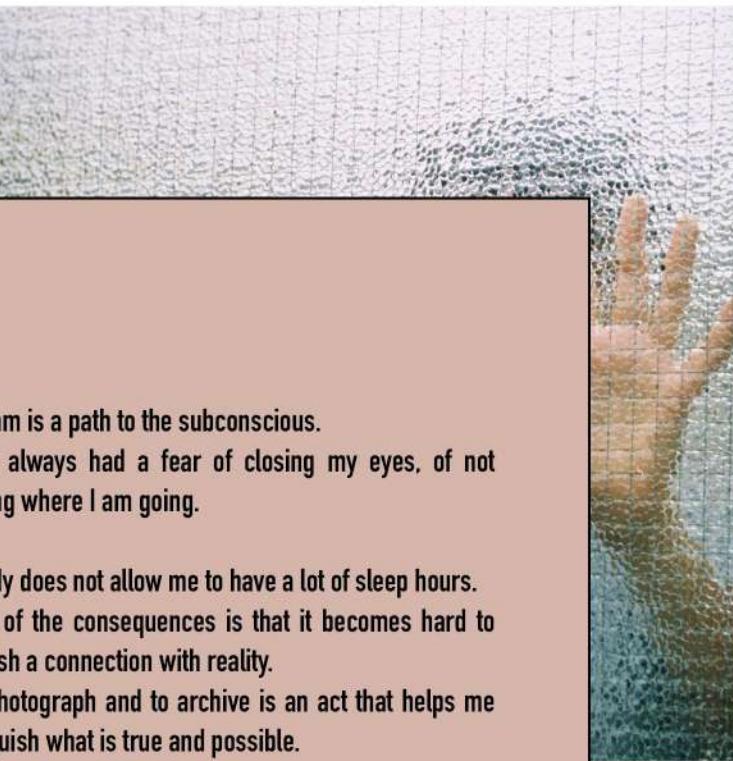
O sonho é um caminho para o sub-consciente.
Sempre tive medo de fechar os olhos, de não saber para onde vou.

A minha condição física não me permite ter muitas horas de sono:

— Uma das consequências é não conseguir estabelecer uma relação com o real.

— Fotografar e criar arquivo ajuda-me a distinguir o que é verdade e possível.

Este trabalho fala de quatro sonhos recorrentes desde a infância. É muito difícil data-los, mas consigo retroceder até 1997.



To dream is a path to the subconscious.

I have always had a fear of closing my eyes, of not knowing where I am going.

My body does not allow me to have a lot of sleep hours.

— One of the consequences is that it becomes hard to establish a connection with reality.

— To photograph and to archive is an act that helps me distinguish what is true and possible.

This piece talks about four recurrent dreams since my childhood. It is hard to pin them but I can go back at least to 1997.



as lágrimas não caem
crescem no canto do meu
olho.

encontram na esclera uma
casa que nunca mais
vão deixar
eternamente turvo



Ch
es
mu
o
re
c



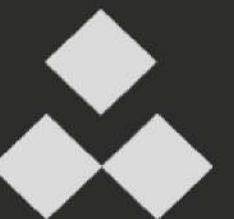
use
branco
lho
- a
io



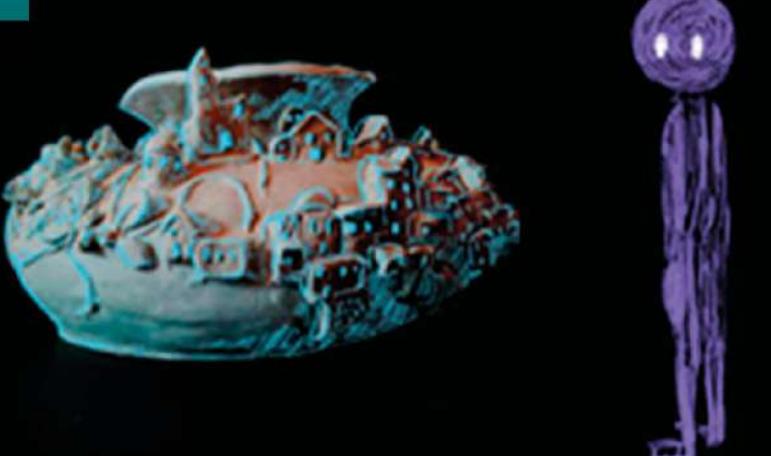
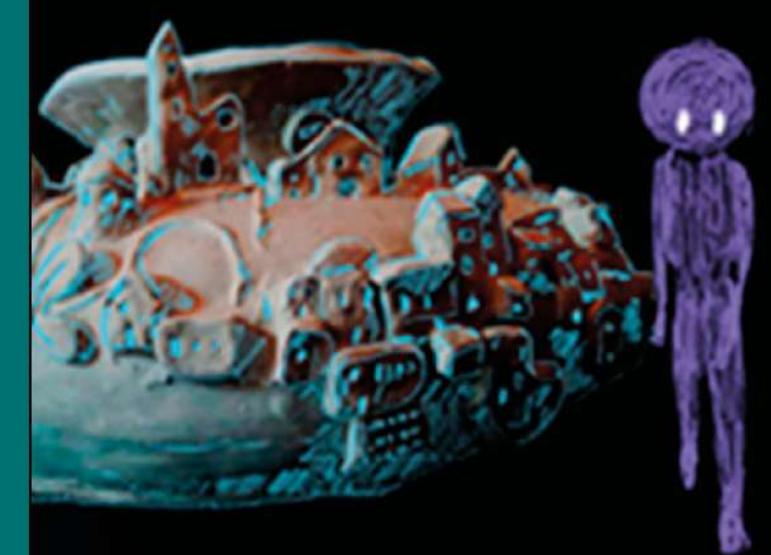
LAURA CONDE
Tempo Suspenso

2020

animação digital
2'28"







O tempo não para. O tempo não é algo da nossa consciência, mas sim uma dimensão da realidade. Mesmo que nós paremos ele continua a movimentar-se, mesmo que um dia os relógios parem, tudo e todos permanecem vulneráveis à passagem do tempo, os seres nascem, crescem, morrem e decompõem-se, e, assim sucessivamente.

Uma história existe no tempo. O tempo existe na história. Esta animação convida a entrar nos olhos de uma personagem, num lugar, num mundo e numa vida estática.

Conhece ou revisita estes lugares onde o tempo não existe, evoca a tua memória e guarda-nos nela. Encontra, talvez, novamente, o tempo suspenso nesta experiência sinestésica.

Para para pensar, aqui não há tempo para perderes.

Time doesn't stop. Time isn't anything from our consciousness but instead a dimension of reality. Even if we stop time goes on, if our clock's stop all things remain vulnerable to the passage of time, beings born, grow, die and decompose successively.

History exists in time. Time exists in history.

This animation invites you to enter in the eyes of a character in a static place, world and life.

Discover or revisit this places were time doesn't exist, evoke your memory and keep us there as well. Find, maybe, again, the suspended time in this synesthesiaic experience .

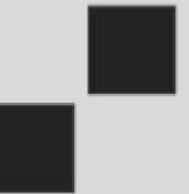
Stop to think, there's no time for you to lose.



MARIA CALLAPEZ
Réflexes de Sentiment

2020

faixa de áudio em álbum
14cm x12.5cm, 29'41"





Maria Callapez apresenta a composição musical Réflexes de Sentiment, uma viagem sonora entre tonalidades escuras e claras, entre o exterior e interior, e memórias e sentimentos. Réflexes de Sentiment explora, ao longo do seu tempo, contrastes tonais e rítmicos, de forma a despertar novas emoções. A artista entende esta obra como um portal para aceder ao nosso inconsciente, um sonho que se constrói enquanto estamos acordados. Réflexes de Sentiment integra-se no ensaio Ondas, Emoções e Sentidos, uma reflexão e investigação acerca das emoções e memórias manifestadas pela música. Maria Callapez insere-se dentro da música ambiente, explorando atmosferas sonoras capazes de evocar algo mais no espectador. Aproxima-se dos conceitos iniciais da música ambiente, ao concordar com a visão de Brian Eno, segundo a qual a música deve ser tão ignorável quanto interessante e deve induzir calma e espaço para pensar.

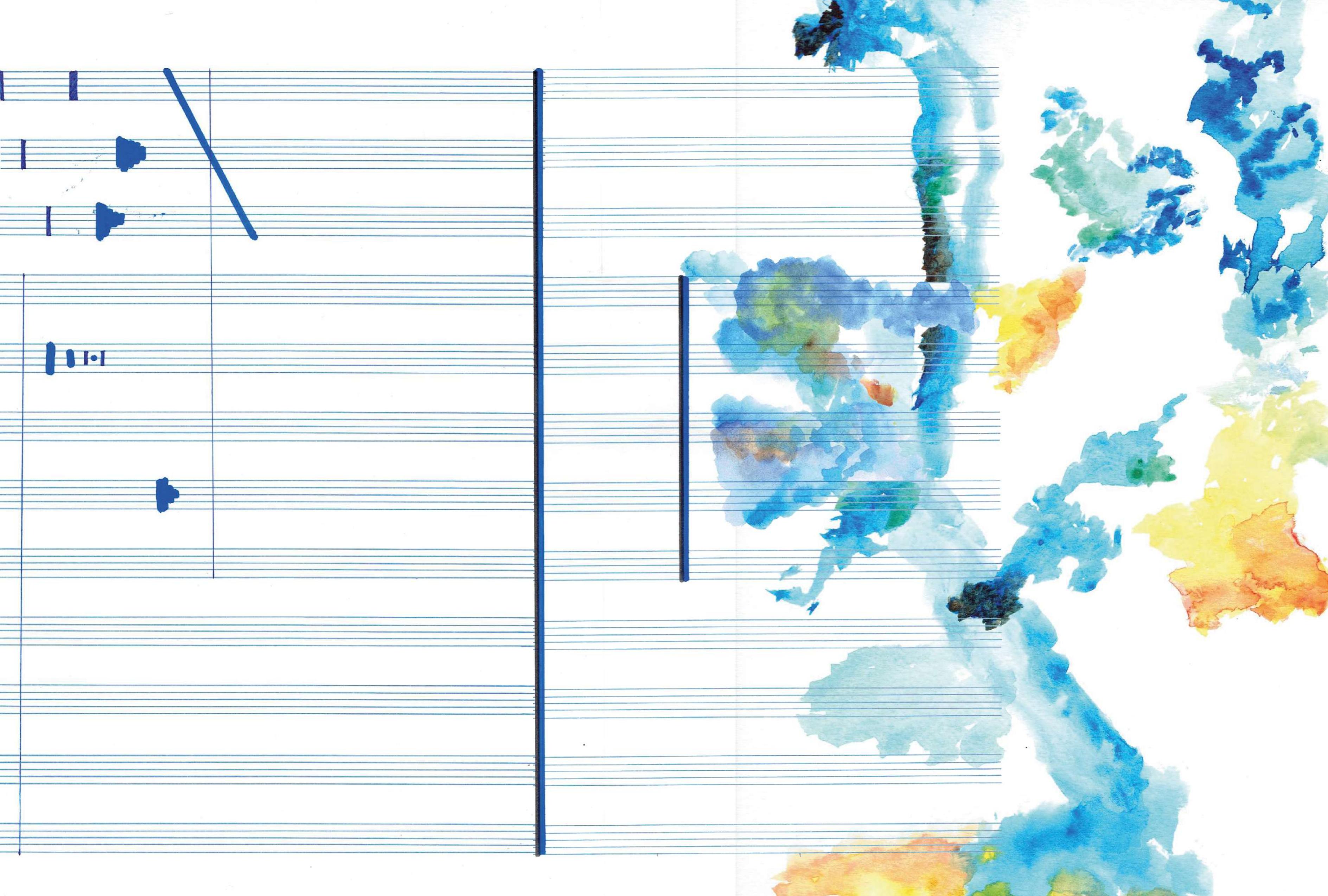
Maria Callapez presents the musical composition Réflexes de Sentiment, a sound journey between dark and light tones, between exterior and interior, and memories and feelings. Réflexes de Sentiment explores over time, tonal and rhythmic contrasts, in order to awaken new emotions. The artist understands this work as a portal to access our unconscious, a dream that is built while we are awake. Réflexes de Sentiment is part of the essay Waves, Emotions and Senses, a reflection and investigation about the emotions and memories manifested by music. Maria Callapez inserts herself into ambient music, exploring sound atmospheres capable of evoking something more in the viewer. It comes close to the initial concepts of ambient music, by agreeing with Brian Eno's vision, according to which music should be as ignorable as it is interesting and should induce calm and space to think.

MARIANA SALGUEIRO ROCHA
paisagem sonora (série I,II e III)

2020

desenhos com técnica mista e faixas áudio
dimensões variáveis (entre 148 x 210mm e
297 x 420mm)







Cada som é uma cor. Cada timbre uma imagem, uma mancha ou linha diferente. A composição musical é, também uma composição cromática, que tem, para cada um individualmente, uma paleta de cores e uma tradução visual diferente. O nosso (in)consciente associa, assim, imagens, cores, e até cheiros a sons e timbres, tornando o som um dos mais instigador de memórias, associações livres e de criação de cenários ou situações. É impossível travar estas associações e criações, pois somos mais capazes de as deixar acontecer e fluir, tornando o impacto do som no nosso corpo ser muito mais visível e perceptível. Somos capazes de impedir que essas reações físicas provocadas pelo som aconteçam no nosso corpo.

tradução do Som

em cOr

IMagem

a capaCidade

de verMOS o que

estamos a ouviR

Each sound is a color. The musical composition is also a chromatic composition, which has, for each sound individually, a color palette and a different visual translation. Our (in)conscious thus associates images, colors, and even smells of sounds and timbres, making sound one of the biggest instigator of memories, free associations and creation of scenarios or situations. It is impossible to stop these associations and creations, because we are more able to let them happen and flow, making the impact of sound on our body much more visible and noticeable. We are unable to prevent these physical reactions caused by sound from happening in our body.

translation of Sound

into cOlOr

a Unified image

of what we are listeNing

even if we Don't want to see it

our Capacity

to see what

we are Listening

to reach for what is nOt

befoRe our eyes

RODRIGO GUIMARÃES
Condenado ao Imaginário

2020

**Vídeo, Animação 1920 x 1080, carvão vegetal s/
papel
4'17"**







A animação aborda essencialmente as sensações de desespero, o desejo de fuga e libertação, sendo capaz de representar, numa visão hiperbólica, aquilo que senti durante esta fase da pandemia.

A experiência de viver fechado com a impossibilidade de sair à rua e sem antever o momento em que tudo regressaria ao normal é associada, metaforicamente, a figura de um prisioneiro. A personagem adota certos comportamentos que se enquadram num estilo de vida monótono, repetitivo e sem um fim à vista.

O limite de ações que o espaço e a condição em que o intervencente se encontra conduzem-no à perda de algum discernimento e, consequentemente, ao despertar de determinados comportamentos e desejos impulsionados pelo imaginário, onde, neste domínio, não existem limites nem condicionamentos.

No decorrer da narrativa surge um novo espaço, totalmente aberto e sem limitações, capaz de transmitir a sensação de liberdade, algo para onde apenas o imaginário nos é capaz de transportar. A mente é, assim, entendida como o veículo de transporte para outros horizontes que contrastam com o espaço asfixiante em que a personagem se encontra.

O trabalho confronta os domínios do consciente/inconsciente e realidade/sonho. Tudo o que transcende o espaço da cela é fruto de uma viagem do inconsciente, que se procura fundir na dura realidade que a personagem vive. Um domínio que não vê condicionamentos ou impedimentos, onde realmente podemos ser livres sem o ser totalmente.

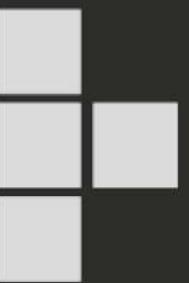
The animation explores feelings of despair, the desire to escape and liberation, being able to represent, in a hyperbolic view, what I felt during this pandemic period. The experience of living closed with the impossibility of going out into the street and without anticipating the moment when everything would return to normal is metaphorically associated with the figure of a prisoner. The character adopts certain behaviors typical of a monotonous and repetitive lifestyle with no end in sight. The limit of actions that the space and the condition that the intervener faces leads him to the loss of some discernment and, consequently, to the appearance of certain behaviors and desires driven by the imaginary, where, in this domain, there are no limits or conditioning. In the course of the narrative a new space appears, totally open and without limitations, able to transmit the sensation of freedom, where only the imaginary is capable of transporting us. Thus, the mind is understood as the vehicle of transport to other horizons that contrasts with the suffocating space that the character is in. The work confronts the domains of conscious/unconscious and reality/dream. Everything that transcends the cell space is the result of a journey of the unconscious, which seeks to merge into the hard reality that the character lives. A domain that doesn't see conditioning or impediments, where we can really be free without being it totally.

SÁ VILA
Movimento da inércia

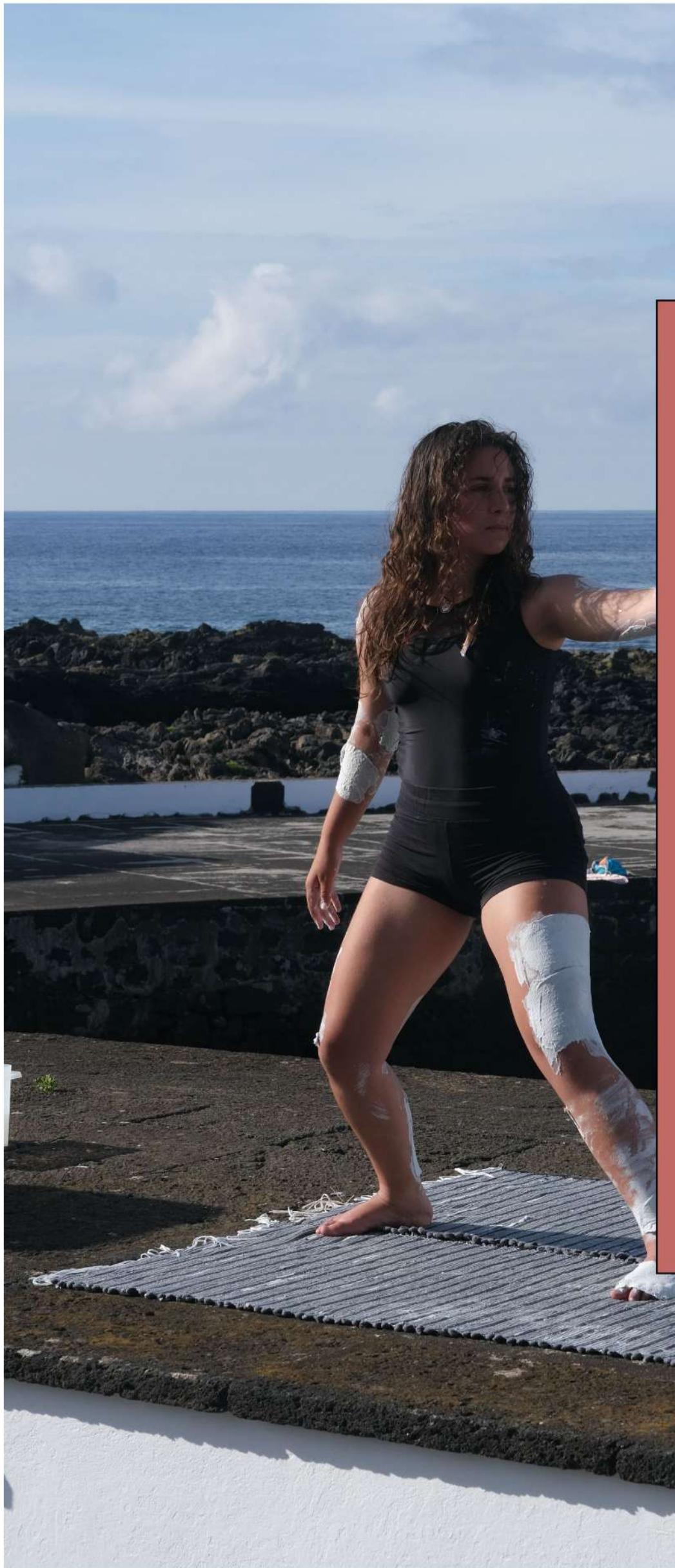
2020

performance interativa
gesso, gase, agua.

40'







"A Dança é a Mãe das Artes. A música e a poesia existem no tempo; a pintura e a escultura no espaço. O criador e a criação, o artista e sua obra, nela são uma coisa única e idêntica. Os desenhos rítmicos do movimento, o sentido plástico do espaço, a representação animada de um mundo visto e imaginado, tudo isto é criado pelo homem com seu próprio corpo por meio da Dança, antes de utilizar a substância, a pedra e a palavra para destiná-las à manifestação das suas experiências exteriores."

— Kurt Sachs

Entender a relação entre a dança contemporânea e a expressividade do corpo passa por analisar não só os movimentos corporais como também a sua representação e significado.

Na contemporaneidade, a dança sofre uma libertação da disciplina clássica e da rigidez constante dos passos e do corpo. Os movimentos precisam-se mais orgânicos, naturais e autênticos. O próprio corpo é tempo; e espaço. O criador e a obra desta prática são o mesmo, o corpo. É a arte do movimento humano, plástico-rítmica e abstrata que proporciona êxtase através das composições de linhas, formas e medidas de movimentos executados no tempo. O ritmo é-lhe próprio. A sua essência, é guiada por som.

Como o bater de asas de um milhafre.



To analyse the body's movement, as also its representations and meanings, is a necessary thing in order to understand the relationship between contemporary dance and the body's expression.

In contemporary times dance underwent a liberation from classic discipline and the constant rigidness of the body. Movements are now in need of a more organic, natural and authentic place. The body itself is time, and space. The creator and the creation of this practice are the same; the body. Dance is the art of human movement, rhythmic, plastic and abstract, that allows blissfulness through the compositions of lines, shapes and measures of movements executed through time. It owns its rhythm, its essence is guided by the sound. Like a kite's wing-beat.

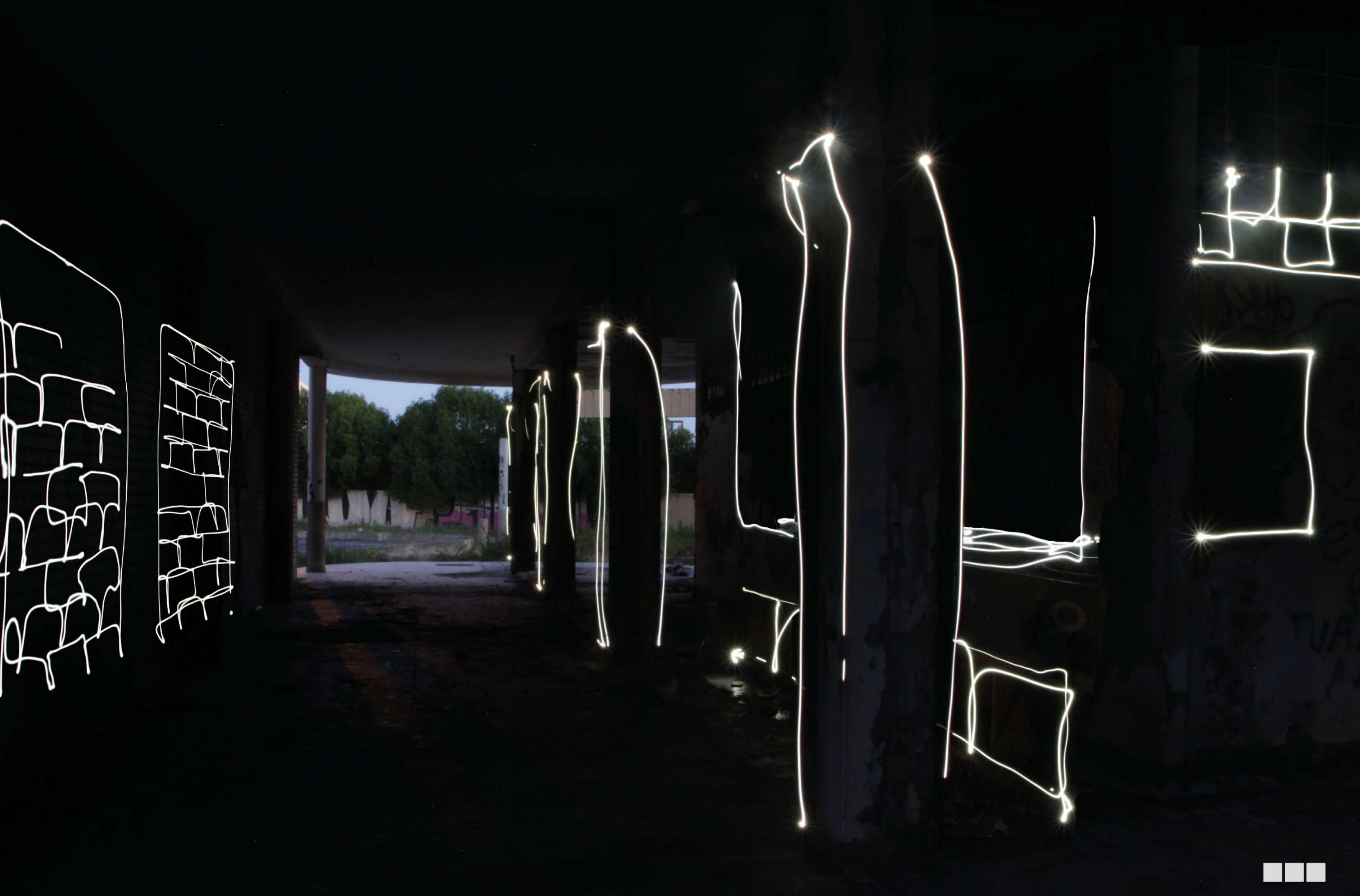


SAMUEL PEREIRA
Light-Recriating

2020

Técnica de Light-painting
250mm x 337mm







O trabalho desenvolve-se um espaço abandonado que primeiramente era um centro de escuteiros, e posteriormente uma piscina pública. Este trabalho é o resultado de um desenvolvimento de vários trabalhos anteriores dentro da área de Light-painting, onde pretendo explorar esta técnica em vários ambientes. Neste caso apropriando-me de edifícios abandonados que, com a necessidade de existir escuridão para que a técnica possa ser executada, cria um ambiente mais sombrio e vago onde as linhas que são desenhadas recriam esse espaço.

Cria-se então quase que um realce à estrutura do espaço e uma ideia minimalista do seu envolvimento.

This work was made in an abandoned place where it was once before a scout's center and a swimming pool. This work was a result of the development of a variety of past works based around Light-painting, where my intention is to explore this technique in different environments. In this case in a abandoned space, these places have a lot of darkness which is a fundamental step for the usage of this technique, making a sense of shadow and vague where the lines drawn recreate the space.

With this the structure of this abandoned place is recreated with the idea of the minimalistic envolvement.

A XAVIER
TRANS____AÇÃO

2020

spray sobre tecido de polyester
137x69cm



TRANS — ACÃO

TRANS — ACÃO



TRANS — AÇÃO

Trans é um prefixo. Trans é um território edénico minado. Trans implica uma quebra na continuidade, uma modificação no ritmo que embala a inércia com a qual se vive, talvez de modo a que a vida seja previsível e, assim, interpretada ou sentida com alguma constância.

A realidade trans, por mais múltipla que seja, encontra-se nesse ponto de rutura. Não obstante questões de género, sexo, classe, etnia, entre outras, ser trans é um lugar comum onde as diversidades individuais se encontram. Assim, surge a bandeira como símbolo intuitivo da materialização desse lugar. Apesar da ligação incontornável a discursos hierárquicos e de exclusão, uma bandeira remete para um lugar comum. Então, a apropriação desse símbolo e a expropriação da sua simbologia assentam, também, no lugar dissidente onde existimos.

Contudo, a realidade é apenas a interpretação de uma coleção de experiências individuais domada pela dita universalização da experiência coletiva. Logo, a construção de uma narrativa coletiva hierarquizada da realidade tem por base a exclusão de experiências que não se enquadram nos padrões de funcionamento da mesma. Então, todas as ações dirigidas a, e sobre, pessoas trans são facilmente redigidas como forma de ataque, em função da sistematização cisheteronormativa e capital, e a necropolítica que as suporta.

Isto leva-nos à prepotência. Daí sai uma dualidade na forma da ação. A vontade de potenciar a mudança da narrativa social oressora contraposta à realidade de que é quase impossível fazê-lo.

Deduz-se, então, que trans é a condição e a ação pode ser múltipla, mas, quero perguntar, que lugar é esse entre os dois? E o que cabe nele?

Trans is a prefix. Trans is a mined edenic territory. Trans does not come without a break in continuity, a modification in the rhythm that cradles the inertia we usually live with, maybe hoping that life becomes predictable and, therefore, interpreted or felt with some stability.

Trans realities, however multiple they can be, meet at that point of rupture. Despite the questions of gender, sex, class, ethnicity, and others, being trans is a common ground where those diversities meet. So, the flag appears as an intuitive symbol that materializes that place. Despite the unavoidable links to hierarchical and exclusionary narratives, a flag represents and/or refers to a common place. Consequently, the appropriation of that symbol and the expropriation of its meaning are deeply connected to the dissident place where we're put to exist.

However, reality is only the interpretation of a collection of individual understandings tamed by the so-called universal collective experience. Therefore, the construction of a collective hierarchical narrative of reality is based on the exclusion of experiences that do not fit its functioning standards. So, all actions involving trans people are easily manufactured as some form of attack, due to the cisheteronormative and capital-based system we live in, and the necropolitics that support it.

This leads us to dominance and abuse. From there a duality emerges in the shape of action. The desire to propel change in the oppressive social narrative is counterpointed with the reality that it is almost impossible to do so.

With that said we can deduce that being trans is a condition and the action can be multiple but, I wanna ask, what is the place between the two? What fits in it?



Publicação/Publication

Laura Conde

Inês Araújo

Mariana Rocha

Website

Filipa Jaques

Gil Monteverde

Maria Callapez



com-fim.virose.pt

Projeto

2020

Licenciatura em Artes Plásticas - Multimédia

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

